

O conto dos ibejis

— AQUINO —

intransitiva
• revista

LUGARES QUE NOS HABITAM (V. 8, N.1, 2024)

O conto dos ibejis

Aquino

O modo como contamos uma história, a modifica.

Entre conversas soltas ao redor, uma gota de suor escorria em suas costas, Janice a ignorava, o calor exorbitante queimava sua pele enquanto aguardava o ônibus. Queria ir para casa, precisava ir para casa. Não se sentia bem. Os carros atravessavam, por um momento, não sabia onde estava, após instantes, se encontrou na passarela 27 da avenida Brasil. Tinha ido ao shopping comprar presente de natal para dar à filha da vizinha, Janice não possuía família, não mais, vivia só em uma pequena casa no complexo da Maré.

Lembrara por um momento de sua avó, afastara a lembrança no mesmo momento, o barulho dos carros a ajudara com tal ação, mas o grito silencioso das pessoas ao seu redor rememoravam o que a idosa tanto queria esquecer. Não se sentia bem. Seu ônibus seguia a demorar e a imensidão do mundo e a quente brisa do sol a faziam sentir-se estranha, pensava sozinha que o desconforto que sentia era por conta da idade, mas nem a mesma acreditava. Um ônibus parou em sua frente, uma mãe gritou para seu filho entrar pela porta traseira, a inocência da criança correndo para obedecer à mãe a recordara dele, seu irmão. Não se sentia bem. Sua infância foi humilde, criada pela avó que ganhava a vida lavando para fora.



Mantinha-se sempre junta de seu irmão, desde as entranhas de sua mãe, cuja história, sabia tão pouco quanto da estranha que aguardava o ônibus ao seu lado. A avó levava fama no bairro onde moravam de curandeira, bruxa e outros nomes, no entanto, todos corriam à idosa quando tinham problemas, mesmo muito quieta, a misteriosa mulher nunca negava ajuda, até a seus críticos. Todas as noites antes de dormir, os gêmeos ouviam histórias da infância da avó em África, e de como foi trazida para o Brasil, a mulher veio antes de florescer para ser escrava de ganho no rio de janeiro, Janice nunca descobrira como a avó conseguiu sua alforria, mas também nunca a perguntou. Sonhava todas as noites com as histórias de sua avó, sobre as praias com grandes palmeiras e a terra onde vivera, acordava triste todas as manhãs, sua realidade era diferente do sonho e não haveria mar para molhar seus pés, nem palmeiras para a proteger do sol. Mais uma gota de suor desceu por suas costas, viu seu ônibus vindo e deu sinal. Ele passou direto. Não se sentia bem.

Desde que teve seu irmão assassinado, Janice perdeu sua familiaridade com as pessoas. Sempre levava o jovem Francisco em seu coração por um amuleto dado pela avó antes de partir, mas não era o suficiente para preencher o vazio, vazio não deixado por ele, mas por todas as relações que a atravessaram e que ele não podia mais protegê-la. Lembranças mutilam Janice naquela tarde, tal qual uma navalha corta carne, a solidão atravessava sua pele e penetrava-a junto ao sol. O dia do falecimento do seu irmão era



a lembrança que a mulher fugia havia anos, deveria ser um dia comum, ela ia trabalhar na costura e ele, procurar emprego, no entanto, o jovem se envolveu em uma briga enquanto parava para almoçar em um bar e essa foi toda a informação que ela e a avó receberam, desde jovem sentia que as informações eram negadas a ela, apenas por serem, não puderam velar o corpo, sabia que a pessoa que mais amara tinha sido descartado como resto de comida, a degradação da carne era a dor carregada em sua alma, essa que estava rendida ao desespero, esgotando todas as ilusões. O devaneio de Janice foi interrompido pelo desconforto do viver, seu corpo a lembrava que não se sentia bem, o retorno a realidade exibira seu ônibus parando, a mulher entrou e viu sua melancolia, ali, em movimento.

Pensamentos antecedem as palavras e ultrapassam a mente, memórias que marcam o corpo, vira pele, vira osso, vira sangue e voltam ao pensamento, a dor é consequência. Sua avó chegava naquele ônibus através da oração de ‘mau-olhado’ que fazia nas crianças da região, na lembrança, a dor retornava, tornando etéreo o sentimento, a passagem da avó foi também a passagem para Janice, logo após a perda do neto, a idosa não aguentou a tristeza e morreu, assim, sem mais nem menos. Janice percebeu que já estava chegando em seu ponto, não se sentia bem, mas assim que soltou, se adiantou e passou na casa de Margarida, sua vizinha e o mais próximo que a mulher tinha de uma amiga, a filha da mulher não estava, preferiu entregar o presente após o natal e foi para casa descansar, a ida ao shopping ocasionara um cansaço que não sentia há tempos. Ao chegar em casa, deitou-se no sofá, sem rodeios, tirou os sapatos e adormeceu, ali o mundo acabara mais uma vez. Naquela mesma tarde, Janice reencontrou Francisco no Orum.

Sobre o autor

Guilherme Aquino Alves, conhecido por Aquino, um multiartista graduando em letras na universidade federal do Rio de Janeiro, produz seus trabalhos dialogando entre as artes visuais e a literatura. A partir de sua visão, apresenta foco narrativo voltado para corpos pretos, levando a afetividade e a realidade em uma tentativa de escrevivência.